



Faz agora um ano que o Tomilho nasceu para divulgar os projectos e atividades desenvolvidas pelo CIIPC/CMVRSa bem como para registar e recordar memórias e saberes da comunidade de Cacela.

Graças à participação de todos vós, o Tomilho foi crescendo e aumentando as suas rúbricas. As receitas, fotografias, poemas que os habitantes de Santa Rita generosamente têm partilhado são importantes registos que o Tomilho quer continuar a divulgar.

Nesta primeira edição de 2017, relembramos algumas das actividades realizadas em 2016 dando especial destaque às do fim do ano que passou.

Aproveitando as festividades do Natal, Ano Novo e Reis, o Tomilho faz referência à tradição das charolas, transcrevendo uma das muitas antigas charolas dos Reis.

E porque estamos na época do Entrudo, divulgamos uma fotografia alusiva ao Carnaval que nos foi cedida pela D. Maria Luísa Pereira e relembramos esta antiga tradição festiva, associada à despedida do Inverno e chegada da Primavera.

Seleccionámos o tema da caça e, a partir daí, relembramos utensílios ligados a esta actividade que foram encontrados no túmulo megalítico. Também a receita, que nos foi dada pela D. Conceição Afonso, reforça a importância da caça na alimentação da comunidade de Cacela.

A agenda cultural divulga as nossas propostas para os meses de Janeiro e Fevereiro.

Delicie-se ainda com alguns dos provérbios desta altura do ano. Boas leituras!

Durante o ano de 2016,

## NESTA EDIÇÃO:

Aconteceu...	1
Canto velho dos Reis	5
Tradição do Entrudo	6
Arqueologia	7
Receita	9
Agenda cultural e provérbios	10

EDIÇÃO BIMENSAL  
NÚMERO 7

JANEIRO /  
FEVEREIRO  
2017

SANTA RITA

## ACONTECEU EM 2016...



Durante o ano de 2016, o CIIP Cacela dinamizou um conjunto de projectos e actividades de investigação, interpretação, usufruto e educação para o património, para além da habitual programação cultural de Cacela Velha na época de Verão.

Pela antiga escola de Santa Rita passaram 5 exposições que sensibilizaram centenas de visitantes para vários tipos de património e terminámos o ano com a reprodução do presépio algarvio, realizado com o apoio da comunidade de Santa Rita.

Associadas a estas exposições e a outras temáticas no âmbito do programa, o CIIPC promoveu 9 oficinas para o público em geral (3 das quais integradas no programa de Verão da Ciência Viva), 7 oficinas de férias para crianças e jovens e 3 peddy-papers "À descoberta de Cacela Velha".

Celebrámos a 10ª edição dos Passos Contados, com 7 passeios de interpretação da paisagem e território, participámos em dias comemorativos ligados ao património e recebemos várias visitas da AS-MAL e das casas do avô, sempre associadas a uma actividade.

Em Cacela Velha, a casa do Pároco recebeu a conferência da investigadora Cristina Garcia sobre a população de Cacela Velha na época medieval. Em parceria com a ADRIP, continuaram-se a realizar 4 mercadinhos sazonais.

Destacamos ainda a programação de Verão em Cacela Velha, que contou com a 4ª edição das Noites d' Encanto, com o ciclo Clássica em Cacela, o ciclo de cinema "sob as estrelas em Cacela Velha" e a Poesia na Rua, já em Setembro.

Junte-se a nós e participe no Tomilho e nos novos projectos e actividades do CIIPC em 2017!





## Exposição Cana e Luz

A 5 de Novembro inaugurou no CIIPC a Exposição “CANA E LUZ” concebida pela designer Vilma André, natural de Castro Marim.

A exposição apresentou um conjunto de peças desenhadas pela designer e executadas pelos artesãos Diamantino Romeirinha e Domingos Romeira Vaz, que trabalham a técnica da cestaria na zona do Baixo Guadiana. Na exposição, que explorou o potencial da cana para o uso contemporâneo, a luz emergiu das

peças, destacando a sua beleza. Uma experiência que abriu espaço a novas ideias e que pretendeu explorar o potencial de uma possível produção e adaptação aos dias de hoje, repensando a técnica da cestaria além da forma e do uso a que estamos acostumados.

A exposição apresentou ainda um conjunto de textos e fotografias sobre a arte de tratar a cana, desde o corte nos canaviais, seu tratamento e preparação até à concepção do produto final.

## Oficina “Entrançar a cana: cestos e outras experiências”

No âmbito da Exposição “Cana e luz” patente no CIIPC, convidámos miúdos e graúdos a vir experimentar a arte de entrançar a cana com o cesteiro Diamantino Romeirinha, natural do Azinhal.

No dia 12 de Novembro, aprendemos como se prepara a cana, como se entrelaçam as ripas dando forma a um pequeno cesto e aventurámo-nos noutras criações cruzando a cana com outros materiais como o trapilho. Aprendemos também a valorizar mais esta difícil, mas bela arte da cestaria.



## ASMAL de visita ao CIIPC

Dia 6 de Dezembro recebemos mais uma visita dos utentes da ASMAL—Associação de saúde Mental do Algarve.

Sempre animados e com vontade de novas experiências, visitaram a exposição “Cana e Luz” e prepararam as searinhas, semeando sementes de trigo, aveia e cevada em tacinhas, embelezando-as depois com bonitas decorações. No final, alguns dos utentes quiseram oferecer algumas para o presépio do CIIPC e outros levaram as suas para adornar o presépio da ASMAL, em Faro.



## Convívio de São Martinho



Dia 12 de Novembro, Santa Rita celebrou o São Martinho com um magusto na antiga Escola Primária.

Cerca de trinta habitantes, familiares e amigos juntaram-se para conviver e comer as tradicionais castanhas, assadas na brasa por dois funcionários do Município de Vila Real de Santo António. Para beber, para além de chá de ervas, provámos o vinho novo generosamente oferecido pelo Sr. António Brito, a quem muito agradecemos. Degustámos também os deliciosos bolos de natas e requeijão feitos pela D. Suzel Bento que teve a amabilidade de os confeccionar e partilhar com os presentes.

Um convívio intergeracional onde houve também a oportunidade, para alguns habitantes mais curiosos, de experimentar tecer no tear colectivo colocado no exterior do CIIPC. Este tear foi montado dia 24 de Setembro, na actividade de troca de saberes-fazer realizada no âmbito das Jornadas Europeias do Património.

## Construção do presépio algarvio



A 8 de Dezembro, dia de N. Sra da Conceição, era tradição na região do Algarve armar-se o presépio e o “altarinho”.

Nas casas, em cima da cómoda, utilizando-se as gavetas como degraus, cobertas com toalhas e panos de linho, elevava-se ao centro o menino Jesus. O trono do menino podia ser ladeado com alguma verdura: murta, loureiro, aroeira, entre outros, e em seu redor e nos degraus do altar colocavam-se as searinhas e laranjas, votos de pão e de prosperidade para a família, no novo ano que não tardava a começar. Havia também quem colocasse amêndoas, figos, alfarrobas.

O CIIPC e a comunidade de Santa Rita relembrou esta tradição e armaram o presépio dia 9 de Dezembro. Dia 28 de Novembro, cerca de uma dezena de pessoas vieram semear as searinhas de trigo, aveia e cevada em pequenos pires, taças e latas de conserva, sobre uma caminha de algodão que se foi mantendo húmida. Uma semana depois já as sementes estavam germinadas, elevando-se as hastes verdes.

Para adornar o altar, contámos com colaboração de várias pessoas da comunidade que trouxeram, toalhas e panos bordados em linho e algodão, jarras, taças, laranjas, tangerinas, nozes, algarrobas, romãs, ramos de murta e de medronho e, claro, a figura do menino Jesus no seu altar. Da colaboração de todos saiu um lindo presépio que pode ser apreciado até ao dia dos Reis.





1º Prémio da bancada mais bem decorada



Casa do Avô de visita ao presépio



Algumas fotografias do Documentar Cacela



## Mercadinho de Natal

Cacela Velha recebeu no solarengo dia 11 de Dezembro o Mercadinho de Natal. Artesanato tradicional e novas criações, produtos alimentares da região, flores, cremes e sabonetes naturais e artigos em segunda mão marcaram mais uma vez presença no mercadinho.

Para animar o mercadinho, além da habitual presença do Dj Yacobian, contámos com a participação do grupo de dança Arte da Ria e com o Retrato de época, dinamizado pela A|NAFA - Associação e Núcleo de Amigos Fotógrafos do Algarve.

Durante o mercadinho decorreu uma campanha solidária de recolha de alimentos destinada às cantinas sociais da Associação de Beneficência Mão Amiga e da Santa Casa da Misericórdia de Vila Real de Santo António.

Lançámos ainda o **concurso da bancada mais bem decorada** que contou com uma concorrida participação por parte dos visitantes que puderam manifestar as suas preferências através do voto. No final o júri atribuiu o título da bancada mais bem decorada à “*Malagueta Encantada*” de Bruno Constâncio e a Menção Honrosa à bancada da Igreja de Cacela Velha, por ter sido a mais votada pelo público.

## Casa do avô colabora no presépio do CIIPC

Os utentes das Casas do Avô vieram visitar o Presépio Algarvio à antiga escola de Santa Rita no dia 15 de Dezembro e ofereceram ao presépio searinhas semeadas por eles. Apreciaram o presépio e, à volta de um chá de erva príncipe, recordaram a época natalícia e as festividades a ela associadas: o presépio, a missa do galo, a ceia de Natal, as charolas, entre outros rituais. Oriundos de vários pontos do país, partilharam-se tradições e hábitos natalícios diferentes.

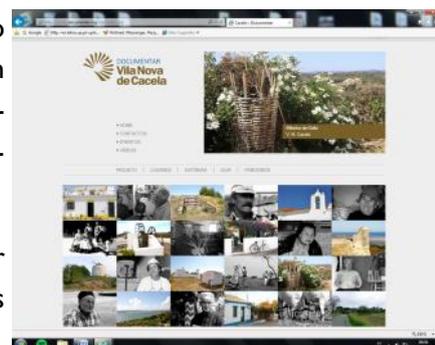
## Documentar Cacela

No passado dia 28 de Dezembro, foi feita a projecção de 3 documentários produzidos pela Algarve Film Commission nas 3 cidades da Eurocidade do Guadiana: Castro Marim, Vila Real de Santo António e Ayamonte.

Com este projecto, pretendeu-se valorizar e divulgar o Património Cultural Local e criar novas dinâmicas em torno das actividades criativas audiovisuais.

Filmado em 2012, o documentário sobre o interior da Freguesia de Cacela e sobre algumas antigas profissões desta freguesia, foi projectado na Biblioteca Municipal Vicente Campinas e contou com a presença de algumas das pessoas que entraram no documentário como o Sr. Edolino Gonçalves e o Mestre Manuel José Batista. Uma bonita homenagem aos antigos saberes-fazeres desta comunidade.

Os documentários das profissões estão disponíveis na Internet, no seguinte endereço: <http://cacela.documentar.org/site/index.php>



## Charola dos Reis

Na época festiva do Natal, Ano Novo e Dia dos Reis é costume antigo cantarem-se as charolas em algumas regiões do Algarve. A Junta de Freguesia de Vila Nova de Cacela tem contribuído para a continuidade e divulgação desta tradição, promovendo um encontro de Charolas logo no início do ano.

O Tomilho transcreve um canto velho de Reis retirado do livro Algarve, tradições musicais.

### Canto velho dos Reis

Coro: Mandou Deus do céu à terra  
Uma estrela luzidente,  
Para guiar os três reis  
Que vinham do Oriente.

1. Em nome de Deus começo  
E em nome de Deus, amém,  
Quem em nome de Deus fala  
Sempre lhe acontece bem.

2. Todo o mundo deu notícias  
E lá p'ros lados do nascente  
Viram nascer uma estrela  
E muito acesa e luzidente.

3. Que cavalheiros são aqueles  
Que vêm naquela estrada?  
São os três do Oriente  
Que vão p'ra Virgem Sagrada.

4. Atravessando vales e serra,  
À procura do Rei Messias;  
Se a jornada era de um ano,  
Fizeram-na em treze dias.

5. Guiados por uma estrela  
Que um anjo tinha na mão;  
Chegados à corte de Herodes  
Ficaram na escuridão.

6. Rei Herodes que notícia teve,  
Logo os mandou avisar;  
À presença do seu Rei  
Para bem os examinar.

7. Rei Herodes como malvado,  
Como professo malino,  
Ensinou aos três Reis do Oriente  
Às avessas o caminho.



Encontro de Charolas 2015 em Vila Nova de Cacela

8. Passando pela corte de Herodes,  
A mesma estrela que aparecia;  
Graças a Deus sejam dadas,  
Já temos a luz que nos guia.

9. Guiados p'la estrela,  
Lá foram dar a Belém;  
Logo ali lhe aparecera  
Bom Jesus de Nazarém.

10. A lapinha era pequena,  
Não cabiam todos três,  
Todos três se ajoelharam,  
Cada qual por sua vez.

11. Rei Gaspar foi o primeiro,  
Que a seus pés se ajoelhou;  
Conhecendo que era Deus,  
Com grande fé o adorou.

12. O segundo foi rei Belchior,  
Que fez grandes reverências;  
Pedindo a Deus que tivesse  
Deles os três compençã.

13. Terceiro foi rei Baltazar,  
Que se jogou de joelhos ao chão;  
Pedindo a Deus que tivesse  
Deles os três compaixão.

14. Ofereceram-Lhe ouro fino,  
Como Rei Celestial;  
Censo como divino  
E mirra como mortal.

Retirado de JERÓNIMO, Rui e DUARTE, J.Cunha (1996), Algarve, Tradições Musicais – II, Faro, Edição Grupo Musical de Santa Maria – Casa da Cultura António Bentes, pg.41

## As tradições do Entrudo



A fotografia desta primeira edição de 2017 remete-nos para as memórias associadas ao Entrudo.

Esta festividade, hoje mais conhecida por Carnaval, é já muito antiga e simbolizava a despedida do Inverno e a chegada da Primavera. Surge como um ritual de mediação entre os homens e as entidades divinas, protectoras e propiciadoras da regeneração da natureza.

Trata-se de uma época de festa marcada pela abundância, o excesso, a excentricidade, o barulho e a convivialidade. A presença das máscaras, dos bailes e dos repastos durante o Entrudo, principalmente nos 3 dias gordos que antecedem o final deste ciclo, representam todo esse excesso que, em muitas localidades, termina com a queima da figura do entrudo ou com a serração da velha. Este é o momento que simboliza a morte do Inverno seguindo-se, a partir da 4ª feira de Cinzas, um período do jejum, 40 dias de penitência (Quaresma) até à Páscoa.

Os trajes e máscaras, que inicialmente simbolizariam os antepassados, são também vistos como a representação de uma sátira às normas e regras vigentes nas sociedades e aos seus valores. Os homens vestirem-se de mulheres e vice-versa é um exemplo da perversão dos valores sociais e da luta simbólica entre sexos.

Nas comunidades mais pequenas, o Entrudo é um momento de convívio onde são valorizadas as relações familiares, de vizinhança e de amizade. As festas e bailes como os que se faziam em Santa Rita e em Vila Nova de Cacela por esta altura, ilustram esta ideia de comunhão. Muitos dos habitantes organizavam-se em pequenos grupos de mascarados, percorriam as ruas da aldeia numa autêntica folia, pregando partidas aos vizinhos, e acorriam aos bailes da aldeia e da freguesia de Cacela. Preparavam também carros alegóricos que depois participavam no desfile de Carnaval em Vila Real de Santo António.

A fotografia, com cerca de 20 anos, ilustra precisamente um desses grupos de “entronchados” e o seu carro alegórico, pertencente ao Sr. Toni de Cacela, na estrada de Monte Gordo, a caminho do desfile. Na fotografia podemos reconhecer alguns rostos de Santa Rita e arredores como o Sr. Duarte e a D. Maria Luísa, o Sr. António Brito e a sua esposa D. Maria João, Ramiro Sol e a sua mãe, conhecida por D. Valentinha, entre outros. A fotografia foi cedida pela D. Maria Luísa Pereira a quem muito agradecemos.

## A CAÇA NA PRÉ-HISTÓRIA A PARTIR DAS PONTAS DE SETA IDENTIFICADAS NO TÚMULO MEGALÍTICO DE SANTA RITA

Como se caçava e o que se caçava na pré-história? Que armas se utilizavam? Que peso tinha a caça na dieta alimentar das comunidades que habitavam esta região?

Alguns artefactos identificados durante as escavações no túmulo megalítico de Santa Rita, monumento funerário pré-histórico com cerca de 4500 anos (III Milénio antes da nossa era), ajudam-nos a responder a estas questões.

Nas escavações realizadas em 2008, foi possível identificar no interior da câmara funerária uma acumulação de ossos humanos de mais de duas dezenas de indivíduos a que se associam oferendas: pequenos recipientes de cerâmica, placas de xisto gravadas, contas de colar, lâminas de sílex, pontas de seta, alabardas,...

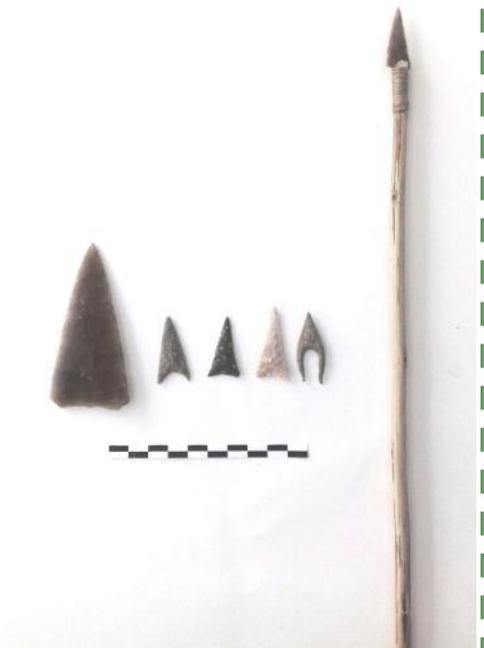
Detenhamo-nos aqui sobre as **pontas de seta e de lança** (cerca de 3 dezenas), talhadas maioritariamente em sílex, de diversos tamanhos e tipologias. Fizeram parte das oferendas votivas – integradas num complexo ritual fúnebre – depositadas junto dos restos mortais dos indivíduos aí sepultados. Podemos imaginar que, a quando da sua deposição, estívéssemos perante os instrumentos completos (arcos e flechas e lanças), não se tendo porém conservado as componentes de madeira, fibras vegetais, penas. Terão sido depositados certamente junto das ossadas de indivíduos do sexo masculino, pois é sabido que a caça e a defesa eram actividades masculinas.

A partir da presença destes artefactos no túmulo podemos fazer diversas reflexões sobre estas comunidades que, no III milénio antes da nossa era, terão habitado num povoado ontem hoje se localiza a aldeia de Santa Rita.

A caça continuava a ser uma actividade importante. Pese embora tratem-se de comunidades de agricultores e pastores, a actividade cinegética representaria um importante complemento para a sua dieta alimentar. Assim, o consumo de carne de animais domesticados (ovelha e cabra) seria complementado com o de animais selvagens como o veado, gamo, javali, coelho, lebre e pequenas aves.

Para caçar utilizavam o arco e flecha, cujo uso mais generalizado parece remontar há cerca de 12000 anos, o que veio, por comparação com outras armas, trazer maior rapidez, facilidade, alcance e precisão no disparo. A maior parte das pontas de flecha eram talhadas em sílex (as que melhor penetram na carne da presa), mas havia também em osso e madeira.

(continua na página 8)



Pontas de lança e pontas de seta, túmulo megalítico de Santa Rita, VRSA.

À Direita réplica de seta flecha com ponta de seta em sílex

Eram entalhadas na extremidade de um cabo de madeira, com penas na outra extremidade para garantir estabilidade no voo, quando disparadas com o impulso do arco. Continuar-se-ia porém a usar também as lanças impulsionadas directamente através do braço. As pontas talhadas eram ligeiramente maiores e ligavam-se ao cabo através de resinas, colas naturais e ataduras de couro ou fibras vegetais. A escolha do tipo de projectil e da arma (arco e flecha ou lança) dependeria da técnica de caça e da dimensão e velocidade do animal a caçar.

Estas armas para além do seu papel na caça seriam também utilizadas na defesa e ataque quando existiam conflitos entre grupos humanos, havendo disso evidência no registo arqueológico noutros sítios.

Para além do seu lado funcional a estes artefactos era também atribuído um valor ritual e simbólico, evidenciando a importância da caça e da defesa para estas comunidades pré-históricas do III milénio a.C.. A verdade é que as pontas de seta e lança depositadas em contextos funerários raramente apresentam marcas de uso. Terão sido propositadamente fabricadas para serem oferecidos como bens de prestígio, evidenciando o valor (coragem, resistência) destes caçadores e guerreiros que, depois de mortos, passam na outra vida a assumir o poder dos antepassados com vista à protecção dos vivos.

A arte rupestre Levantina espanhola, rica em cenas de caça e guerra, é uma importante fonte para compreendermos a caça e a guerra nas comunidades ibéricas durante o neolítico e calcolítico.



Diversos tipos de arcos na Arte Levantina (Mesolítico-Neolítico): grande e pequena envergadura, convexas e de dupla curvatura



Desenho de cena de caça, Cueva de los caballos de La Valltorta, Tírig, Castellón

## Breves apontamentos sobre a actividade cinegética

A actividade da caça acompanhou desde sempre a história do Homem, nos tempos pré-históricos, como meio complementar de subsistência para as comunidades primitivas, e nos dias de hoje, como actividade associada sobretudo ao lazer. A passagem da função de subsistência para a função lúdica e de recreio foi-se dando ao longo da história e está relacionada com a sedentarização do homem, com o surgimento da agricultura, pastorícia e criação de gado, ficando a depender a sua sobrevivência de actividades mais fixadas no território.

Ainda que actualmente a caça seja sobretudo de recreio e lazer, continua a contribuir para a economia das famílias, quer pelo consumo das peças caçadas, quer pela venda das mesmas.

Para as comunidade rurais, a caça é um desporto realizado sobretudo por homens, profundos conhecedores da sua região e dos seus recursos cinegéticos. Estes têm sabido assegurar o seu equilíbrio, pese embora a actual gestão cinegética por parte dos clubes e associações de caçadores e da legislação em vigor.

O conhecimento e o gosto pela caça tem passado de pais para filhos, continuando a tradição da caça a ter ainda hoje muita importância, tanto para os caçadores de meio rural, como caçadores vindos das cidades.

Em Santa Rita, 28% da população masculina adulta é caçadora, e é composta por homens entre os 31 e os 81 anos de idade.

A caça tem também um papel central na gastronomia das comunidades do mundo rural. A receita que de seguida se apresenta é exemplo desta importância e foi partilhada pela mãe de um caçador, D. Maria da Conceição Afonso.

## Receita

### Lebre com feijão, receita da D. Maria da Conceição Afonso

#### Ingredientes:

- ◆ 1 lebre
- ◆ 1 cebola
- ◆ 1 alho
- ◆ 1 kg tomate
- ◆ Pimento verde
- ◆ Pimento vermelho
- ◆ Louro
- ◆ 0,5 Lt. feijão branco
- ◆ 0,25 Lt. de vinho branco
- ◆ Azeite



#### Preparação:

- ◆ Numa panela, faz-se um refogado com azeite, cebola, alho, tomate, pimentos, louro e sal.
- ◆ Corta-se a lebre aos pedaços e junta-se ao refogado. Acrescenta-se o vinho branco e um pouco de água, se necessário. Deixa-se cozinhar.
- ◆ Coze-se o feijão à parte e tempera-se com sal e um fio de azeite.
- ◆ Quando o feijão estiver cozido, junta-se à lebre e deixa-se cozinhar mais cerca de 15 minutos.
- ◆ E está pronto a servir.

Bom apetite!

# O que vai acontecer...

## EXPOSIÇÕES

### **PRESÉPIO ALGARVIO**

Elaborado com a comunidade de Santa Rita

Até 6 de Janeiro

#### **Horário**

De segunda a sexta-feira

9h00 – 13h00 e 14h00-17h00



### **O QUE EU VEJO DA MINHA CHAMINÉ**

A partir das chaminés de Olhão

Direcção artística de Joana Bandeira, Acaso

De 20 de Janeiro a 28 de Fevereiro

#### **Horário**

De segunda a sexta-feira

9h00 – 13h00 e 14h00-17h00



## OFICINAS

### **MANDALAS DE LÃ**

Orientada por Sara Madeira

CIIPC, Santa Rita

Sábado, 28 de Janeiro, 15h00 às 18h00

Para adultos e crianças a partir dos 6 anos

Sujeito a inscrição prévia

Valor: 6 € – por pessoa; 10,00€ – criança + adulto



### APRESENTAÇÃO DO JOGO DA MEMÓRIA

“Personagens e Objectos Mágicos dos Contos e Lendas”

No âmbito do projecto “À descoberta das 4 cidades”

Biblioteca Municipal Vicente Campinas, VRSA

Quarta-feira, 11 de Janeiro, 15h30



## *Provérbios*

*Chuva pelos reis, trigo até ao tecto.*

*Cana cortada em Janeiro, dura o ano inteiro.*

*Janeiro com sabor a Verão nem para palha nem para pão.*

*Janeiro molhado, se não cria pão, cria gado.*

*Mês de Janeiro, procura a perdiz o companheiro.*

*S. Sebastião, laranja na mão.*

*Janeiro fora, cresce o dia uma hora.*

*Janeiro geoso, Fevereiro chuvoso.*

*Carne de Janeiro, farinha de Fevereiro.*

*Candelária a rir, Inverno para vir;  
Candelária que chora, Inverno fora.*

*Chuva de Fevereiro vale por estrume.*

*No Carnaval, ninguém leva a mal.*

*Entrudo na eira, Páscoa na borrarreira.*

*Se não chove em Fevereiro, nem bom prado, nem bom palheiro.*

*Por S. Matias começam as enxertias.*



VILAREALSTºANTONIO

## FICHA TÉCNICA

**Edição:** Câmara Municipal de Vila Real de Santo António

**Coordenação:** Centro de Investigação e Informação do Património de Cacela  
[www.ciipcacela.wordpress.com](http://www.ciipcacela.wordpress.com)

Facebook [ciipcacela](https://www.facebook.com/ciipcacela)  
[ciipcacela@gmail.com](mailto:ciipcacela@gmail.com)